

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ECONOMIA

Giovanna Santos Langoni Pena

UMA ANÁLISE DOS FLUXOS DE COMÉRCIO (EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES)
DOS BRICS NO PERÍODO DE 2000 A 2015

Setembro
2017

Giovanna Santos Langoni Pena

UMA ANÁLISE DOS FLUXOS DE COMÉRCIO (EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES)
DOS BRICS NO PERÍODO DE 2000 A 2015

Trabalho de Monografia apresentado ao
Instituto de Economia da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito para a
conclusão do curso de Ciências Econômicas,
sob a orientação do Professor Doutor Flávio
Vilela Vieira.

GIOVANNA SANTOS LANGONI PENA

UMA ANÁLISE DOS FLUXOS DE COMÉRCIO (EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES)
DOS BRICS NO PERÍODO DE 2000 A 2015

Relatório final, apresentado a Universidade Federal de Uberlândia, como parte das exigências para a obtenção do título de Graduação em Ciências Econômicas.

Uberlândia, 29 de setembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Flávio Vilela Vieira
Orientador

Prof. Michele Polline Veríssimo

Prof. Vitorino Alves da Silva

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela vida e pelo caminho percorrido, aos meus pais, Romeu e Patrícia, pelo incentivo, apoio e oportunidade de estudar e desfrutar de uma vida com amor e educação, e ao meu professor e orientador Flávio que não mediu esforços para me ajudar, em todas as etapas deste trabalho. Chegar até aqui seria um caminho muito mais árduo sem vocês. Muito obrigada.

Resumo

O trabalho analisa de maneira descritiva o desempenho no comércio externo (exportações e importações) dos países integrantes do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) no período de 2000 a 2015. A base de dados analisa as exportações, importações, taxa de crescimento das exportações, taxa de crescimento das importações, taxa de câmbio real efetiva e nominal e os cinco principais destinos (origens) das exportações (importações). O BRICS representa um grupo de países emergentes com grande ascensão e importância econômica no cenário internacional, com resultados notórios e por isso chama atenção de pesquisadores e estudiosos. Apesar das diversidades existentes entre os integrantes deste acrônimo, existe a tentativa de articulações conjuntas visando benefício e expansão destes países em desenvolvimento. A crescente participação desses países acompanhada de desempenhos crescentes mostrou que é importante continuar os pesquisando, já que apresentam fatores determinantes para a mudança dos fluxos de comércio internacionais no futuro. A China e Índia apresentam maior crescimento nos fluxos de comércio por apresentarem maiores incentivos, mas há crescimento significativo dos demais países também.

Palavras-chave: BRICS; países emergentes; fluxos de comércio; ascensão econômica; comércio internacional.

Lista de Tabelas

Pág.

Tabela 1: Exportações do Brasil em US\$ milhões no período de 2000 a 2015.....	15
Tabela 2: Taxa de Crescimento das Exportações do Brasil no período de 2000 a 2015.....	16
Tabela 3: Exportações da Rússia em US\$ milhões no período de 2000 a 2015.....	17
Tabela 4: Taxa de Crescimento de Exportações da Rússia no período de 200 a 2015.....	18
Tabela 5: Exportações da Índia em US\$ milhões no período de 2000 a 2015.....	19
Tabela 6: Taxa de Crescimento de Exportações da Índia no período de 2000 a 2015.....	20
Tabela 7: Exportações da China em US\$ milhões no período de 2000 a 2015	21
Tabela 8: Taxa de Crescimento de Exportações da China no período de 2000 a 2015.....	22
Tabela 9: Exportações da África do Sul em US\$ milhões no período de 2000 a 2015.....	23
Tabela 10: Taxa de Crescimento de Exportações da África do Sul no período de 2000 a 2015	24
Tabela 11: Importações do Brasil em US\$ milhões no período de 2000 a 2015.....	25
Tabela 12: Taxa de Crescimento de Importações do Brasil no período de 2000 a 2015.....	26

Tabela 13: Importações da Rússia em US\$ milhões no período de 2000 a 2015.....	26
Tabela 14: Taxa de Crescimento de Importações da Rússia no período de 2000 a 2015.....	27
Tabela 15: Importações da Índia em US\$ milhões no período de 2000 a 2015.....	28
Tabela 16: Taxa de Crescimento de Importações da Índia no período de 2000 a 2015.....	28
Tabela 17: Importações da China em US\$ milhões no período de 2000 a 2015	29
Tabela 18: Taxa de Crescimento de Importações da China no período de 2000 a 2015.....	30
Tabela 19: Importações da África do Sul em US\$ milhões no período de 2000 a 2015.....	31
Tabela 20: Taxa de Crescimento de Importações da África do Sul no período de 2000 a 2015.....	32
Tabela 21: Taxa de Câmbio Nominal UMD por US\$ no período de 2000 a 2015.....	33
Tabela 22: Taxa de Câmbio Real Efetiva UMD por US\$ no período de 2000 a 2015.....	33
Tabela 23: Preço de Commodities (2010 = 100) no período de 2000 a 2015.....	34

Sumário

	Pág.
Introdução.....	7
1 – Fluxos de Comércio nos BRICS: Uma Revisão da Literatura.....	9
2 – Análise das Exportações, Importações, Taxa de Câmbio e Preço de Commodities para os BRICS (2000 a 2015)	14
2.1 – Exportações dos BRICS.....	14
2.2 – Importações dos BRICS.....	24
2.3 – Taxa de Câmbio.....	32
2.4 – Preços de Commodities.....	34
Conclusão.....	35
Referências Bibliográficas.....	37

Introdução

O principal objetivo do trabalho é analisar o desempenho no comércio externo (exportações e importações) dos países integrantes do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) no período de 2000 a 2015. Além disso, será construída uma base de dados para estes países envolvendo as seguintes variáveis: exportações, importações, taxa de crescimento das exportações, taxa de crescimento das importações, taxa de câmbio real efetiva e nominal e os cinco principais parceiros comerciais das exportações e importações.

A relevância do estudo a ser desenvolvido tem por base a crescente participação das economias do BRICS no comércio internacional com impactos significativos sobre a dinâmica de crescimento destas economias e mesmo em termos de crescimento mundial. O entendimento da dinâmica dos fluxos de comércio destas economias tem sido alvo de análises e discussões cada vez mais frequentes dadas suas implicações não apenas para cada uma destas economias, mas também em termos de alteração do padrão de comércio externo nas mais diversas regiões do mundo. O BRICS é muito pesquisado por representar uma articulação de países emergentes de grande significância econômica no cenário internacional. Diante disso, notou-se a necessidade de entender o que representa esse acrônimo e aprofundar a interpretação acerca de pesquisas sobre o desempenho no comércio externo dos países integrantes desse grupo e o poder de influência no futuro do comércio internacional.

O conceito de BRIC surgiu por uma designação do economista-chefe do Goldman Sachs, Jim O' Neill, em 2001, e consiste em uma sigla que representa um grupo de países em desenvolvimento (Brasil, Rússia, Índia e China) que apresentam estágio financeiro similar, além de representarem uma mudança no poder econômico global, distanciando das economias desenvolvidas do G7. A África do Sul só foi incorporada ao grupo cooperativo em 2011. As relações bilaterais entre os países do BRICS são conduzidas com base nos princípios de não interferência, igualdade e benefício mútuo.

Apesar do grupo não ser ainda um bloco econômico ou uma associação formal, existem fortes indicadores de que os cinco países do BRICS estão construindo uma aliança para converterem seu crescente poder econômico em uma maior influência geopolítica. Desde 2008 o grupo se reúne anualmente para aprofundar o diálogo e estabelecer uma entidade político-diplomática no mercado financeiro.

As economias que integram o acrônimo representaram entre os anos de 2003 e 2007, 65% da expansão do Produto Interno Bruto (PIB) mundial e já em 2013, o PIB dos BRICS superava o dos Estados Unidos e União Europeia. (Ipea)

O tema estará delimitado em analisar os fluxos de comércio externo (exportações e importações) do Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul e de algumas variáveis importantes, tais como taxa de crescimento de exportações e importações, taxa de câmbio efetiva e real, países em que comercializam e preço de commodities.

Além disso, o trabalho visa analisar o impacto da participação das economias do BRICS no comércio internacional, o que é fundamental para notar se este é significativo e se estes impactos são relevantes sobre a dinâmica de crescimento destas economias e mesmo em termos de crescimento mundial através de uma análise dos fluxos de comércio.

Após esta introdução, o trabalho apresenta uma revisão da literatura sobre os fluxos de comércio no BRICS seguido de uma análise dos dados dos países pertencentes ao bloco e posteriormente um resumo das principais conclusões.

1 – Fluxos de Comércio nos BRICS: Uma Revisão da Literatura

Segundo BAUMANN (2010), os BRICS indicam relevância crescente na economia mundial a partir de análises das relações bilaterais e regionais. A conexão comercial entre esses países apresenta uma série de peculiaridades, diante do fato que compõem um conjunto heterogêneo com distintas relações entre cada um deles. A Rússia e a Índia possuem o padrão de comércio peculiar ao do Brasil, e mais ainda, em relação à estrutura comercial desses países com a economia global. Todavia, o comércio brasileiro assemelha-se cada vez mais com o padrão geral da China, valorizando de maneira crescente os vínculos bilaterais no movimento do país. As exportações brasileiras têm baixa similaridade com a dos outros países, o que reduz a probabilidade de transações nos mesmos setores.

Filgueiras e Kume (2010) analisaram que no período de 2000 a 2008 a China alterou a estrutura produtiva de mercado, assemelhando-se ao Brasil e acirrando a competição entre os países. A China dobrou a participação de importações no mercado norte-americano, apresentando uma maior variedade de produtos, em diferentes setores, em relação ao Brasil. Apesar da participação de produtos chineses ter provocado redução da participação de produtos similares brasileiros neste mercado, é possível notar que o Brasil apresenta exportações com qualidade superior em alimentos, bebidas e fumo, plásticos e borracha, madeira e mobiliário, celulose e papel, têxtil e vestuário, e metais.

Araújo e Costa (2010) analisam que a abertura comercial e a inserção internacional foram diferentes no Brasil, Índia e China. A inserção internacional destes países se deu em diferentes estilos, segundo evidências, que não se resumem ao comportamento da taxa de câmbio real, cujo equilíbrio é indeterminado devido ao progresso técnico e dos padrões de competição monopolista da cadeia industrial contemporânea.

A transformação do modelo de inserção internacional dos três países é resultado do novo cenário de evolução desigual de custos de informação e de transporte nas últimas décadas. A revolução das tecnologias de informação redefiniu os padrões de competição das indústrias através da redução dos custos de transação e aumento do grau de transparência dos mercados. Em contrapartida, a estabilidade dos custos de transporte estimulou o comércio intraindustrial entre países vizinhos. As estruturas de produção aduaneira em Brasil, Índia e China apresentam contrastes. A Tarifa Externa Comum (TEC) do Mercado Comum do Sul (Mercosul) apresenta incompatibilidade com os requisitos contemporâneos da integração regional. As políticas industriais domésticas da China e Índia procuram oferecer às firmas estabelecidas no país condições adequadas para lidar com os padrões de competição do mercado. Já no Brasil, as

políticas industriais apresentam uma proteção supérflua às indústrias de bens intermediários, reduzindo a competitividade de todo o sistema industrial. A consequência dessa distorção da TEC é que independentemente do nível da taxa real de câmbio, o peso dos bens intermediários na estrutura de custos dos bens finais fabricados no Brasil, será sempre superior em relação àqueles observados na Índia e na China. (Araújo e Costa)

O sistema monetário internacional é cenário de perspectivas de que a hegemonia do dólar e do euro tenderá a ser relativizada no futuro próximo, em decorrência do fortalecimento potencial de moedas regionais. Essa tendência foi gerada, em grande parte, pela evolução desigual dos custos de informação e de transporte nas últimas décadas, e que o Real, o Renminbi e a Rúpia são candidatos a ocupar este novo espaço no contexto internacional. (Araújo e Costa)

Ao analisar a China, Barbi e Holland (2010) notaram uma estrutura econômica dinâmica devido aos números e a rapidez de expansão do comércio e investimentos internacionais. O país é o maior receptor de investimentos diretos estrangeiros entre as economias em desenvolvimento. Além do grande aumento no fluxo de IDE a partir da década de 1990, ocorreu também aumento significativo nas compras líquidas em decorrência do processo de fusões e aquisições. Várias empresas chinesas possuem filiais e participação no mercado de outros países, o que eleva o índice de poder da China em relação aos seus parceiros comerciais. Esse processo de expansão chinesa se estabelece tanto por investimentos diretos, quanto por fusões e aquisições com diversas economias, inclusive, a região da América do Sul. A região que é exportadora de produtos primários e baseados em recursos naturais recebe fluxos de IDE chineses como garantia de fornecer matéria prima, energia e alimento à economia em expansão e consolidação da indústria chinesa como diversificação perante a hegemonia do Dólar Americano e a vulnerabilidade diante da moeda.

Almeida (2010) discute que cada um dos BRICS apresenta uma concepção própria do sistema em determinada região que abrange e mostra de que forma seus interesses poderiam ser promovidos por meio de uma ação conjunta no cenário internacional. Entretanto, o sistema econômico global ainda não presenciou ações coordenadas já que representaria uma convergência de interesses nos mais diversos campos de ação diplomática, que os BRICS, infelizmente não demonstraram.

Dentre as economias pertencentes ao acrônimo, a China é a mais inserida no processo de globalização e interdependência mundial em virtude da busca por novos mercados e atração de tecnologias de modo a garantir o aprovisionamento de matérias primas e energia, além de qualificação para as empresas nacionais, estimulando a competição internacional acerca das tecnologias proprietárias, que podem ser a base de vantagens estratégicas no longo prazo. O

Brasil, Rússia, Índia e África do Sul não dominam os mecanismos que permitem os chineses usufruírem do processo de globalização de tal maneira, já que este processo ocorre em circunstâncias distintas entre esses países. (Almeida)

O bloco mencionado representa mais o âmbito político ou diplomático e não o econômico, como fundamenta o diretor do Goldman Sachs, que projetou a influência econômica dos BRICS superando o atual G-7. Tal debate se torna irrelevante diante de uma agenda positiva para o resto do mundo com inseguranças, desenvolvimento insuficiente, epidemias e ameaças ambientais em muitas regiões. A contribuição decorrente de um programa coincidente em relação a tais problemas, além das vias de investimentos e comércio seria uma alternativa mais hábil para o desenvolvimento desses países e de regiões pobres. Apesar do grupo não ter uma agenda tão articulada economicamente, há indícios de mudanças neste sentido. (Almeida)

Soares de Lima (2010) analisa as denominações para BRICS: países intermediários, potências regionais, potências médias e emergentes, marcaram as mudanças no cenário mundial ao se tornarem nações relevantes no plano global e regional dos últimos anos. Podem ser considerados países com capacidades materiais suficientes que os diferencie dos demais países em desenvolvimento, ou até mesmo, países de especificidades em relação ao desempenho de um papel diferenciado no sistema internacional, utilizando estratégias internacionais mais ágeis nos planos multilateral e regional.

Do ponto de vista de Marinho da Silva a inserção da África do Sul na cúpula do BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China), em 2010, gerou críticas por parte de analistas de mercado, economistas e do próprio criador da sigla acerca da participação do país. Do ponto de vista econômico, a África do Sul é o menor membro integrante do grupo. Embora tenha o maior PIB do continente, não está entre as vinte maiores economias do mundo e sua representação no G20 consiste em aumentar a representação regional e legitimidade global. Se as tendências continuarem, a Nigéria que ultrapassara a África do Sul na lista das trinta maiores economias mundiais. (Western World)

Tais economias são comparadas em diversas dimensões, assim como, política, econômica, social e militar. Além de exibirem peculiaridades próprias em suas adjacências e desafios geopolíticos distintos, China, Rússia e Índia são potências nucleares, sendo destas, China e Rússia, participantes ativas do Conselho de Segurança da ONU. (Soares de Lima)

O poder militar não é obrigatoriamente correlativo ao econômico e social. Em relação ao valor do PIB, as maiores economias são China, Brasil e Índia, o que não pode ser dito no âmbito de indicadores sociais. Ao analisar a qualidade de vida e o desenvolvimento econômico da

população, Brasil, Rússia e China apresentam os melhores resultados do IDH entre os cinco países do grupo. O Brasil e a África do Sul apresentam os piores índices de desigualdade mesmo possuindo os maiores valores do PIB per capita. Tudo isso indica que esses novos países emergentes ainda não alcançaram níveis significativos de bem-estar ao compararmos com os países industrializados. Essas potências regionais precisam lidar com tais dualidades específicas de países em desenvolvimento. (Soares de Lima)

O indicador de abertura comercial que mede o grau de internacionalização dos países através da porcentagem do comércio exterior em relação ao PIB indica que a China e a África do Sul são os países mais internacionalizados do grupo. A Índia elevou o percentual de comércio exterior em proporção ao produto interno bruto de forma semelhante a esses países, já a Rússia apresentou um ponto de inflexão em relação a esse crescimento, e o Brasil cresceu ao menor grau de internacionalização ao longo de uma década. (Soares de Lima)

A aliança entre Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, voltada para a defesa de posições comuns no sistema financeiro global não necessariamente se estenderá a negociações relativas a comércio e mudanças climáticas, ou mesmo se tornará uma coalizão de cunho cooperativo. Os resultados mais relevantes em relação à capacidade do BRICS de coordenação ocorreram com a consolidação do G-20 financeiro em substituição ao G-8 após 2008, quando enfrentaram relativamente bem a crise e mostraram a capacidade de definir uma agenda específica de ações conjuntas para implementação. (Soares de Lima)

A expansão do G-20 possibilitou a consolidação dos BRICS como grandes exportadores e permitiu que desempenhassem um papel na garantia de liquidez. O meio ambiente dos países não é semelhante, como se pode analisar, as diferenças entre Rússia e Brasil são consideráveis, o que impossibilita agendas em comum neste aspecto. O Brasil também é o país com menor capacidade bélica nuclear, assim como a África do Sul. O principal desafio é saber qual papel esse grupo irá exercer, com a mudança de status, nas reuniões de negociações mundiais. O sucesso desse compromisso depende da continuidade dos principais governantes e da sociedade com a estratégia de política externa atual. (Soares de Lima)

Segundo Almeida (2009):

“E para onde caminham os BRICS, nas próximas décadas? Certamente não em direção ao mesmo destino, ainda que o traço comum de suas trajetórias seja uma crescente adesão, incontornável, à economia mundial. O estudo da Goldman Sachs aposta que esse G4 ultrapassará, conjuntamente, o PIB do atual G7 em 2035, sendo que a China ultrapassará a todos, individualmente, até 2040. Os componentes dessa ultrapassagem são muito diversos, com uma provável “explosão” tecnológica da China, uma continuidade “extrativa” no caso da Rússia, uma enorme competitividade agrícola para o Brasil e de serviços de internet e de

tecnologia da informação para a Índia, o que já ocorre atualmente. Ainda que a “massa atômica” conjunta dos Bric possa superar o peso do atual G7, eles permanecerão, em termos per capita, abaixo dos indicadores atuais de bem-estar e de produtividade dos países avançados.” (ALMEIDA, pg. 4).

Neste fragmento é possível perceber que, segundo Almeida (2009), mesmo com a evolução e crescimento do Brasil, Rússia, Índia e China, tais avanços não serão suficientes para que essas potências alcancem indicadores de produtividade compatíveis aos de países avançados. A sigla BRICS justifica-se devido sua capacidade de impactar os outros países em desenvolvimento, em virtude do peso e importância que vêm apresentando no contexto global. Num futuro próximo, os BRICS representarão 20% da economia mundial, evoluindo para ultrapassar o G7 em 20 anos. Em contrapartida, não é provável que esta indique tendências de desenvolvimento da economia mundial, que se dá por transformações tecnológicas, fluxos de capitais e informação.

Os países que formam o BRICS apresentam características macroeconomias e estruturais distintas. A China e a Índia possuem uma economia voltada para o crescimento do mercado. A China possui alto índice de poupança interna, por fatores culturais os chineses poupam, além de investimento direto estrangeiro alto e capital humano elevado. A Índia apresenta economia diversificada nas áreas agrícola, industrial, tecnológica, financeira e de serviços principalmente. As reformas econômicas da década de 1990 impulsionaram o crescimento. A Rússia é grande produtora de petróleo e rica em recursos naturais. Obteve retomada do crescimento econômico após a mudança de regime político. A África do Sul é grande produtora de ouro e metais. O alicerce da economia africana está na indústria, agricultura e extrativismo. O Brasil é país produtor de commodities com grandes ganhos no setor. A China e a Índia possuem maiores incentivos e políticas no âmbito do processo de globalização do mercado econômico, entretanto, os demais países também apresentam participação importante no cenário internacional.

2 – Análise das Exportações, Importações, Taxa de Câmbio e Preço de Commodities para os BRICS (2000 a 2015)

2.1 – Exportações dos BRICS

A presente seção tem por objetivo sistematizar um conjunto de dados para as exportações dos BRICS no período de 2000 a 2015.

O Brasil no período de 2000 a 2015 têm os Estados Unidos, seguido de China, Argentina, Alemanha e Japão, respectivamente, como principais países exportadores (Tabela 1). É possível ver um grande aumento no nível das exportações entre Brasil e China, maior até que o crescimento das exportações entre Brasil e Estados Unidos entre 2003 e 2012. Sendo que a China importa principalmente produtos manufaturados, enquanto os Estados Unidos é o país que mais importa produtos industrializados.

Tabela 1: Exportações do Brasil em US\$ milhões no período de 2000 a 2015

Ano / Países e Mundo	EUA	China	Argentina	Holanda	Alemanha	Mundo
2000	14303	1344	7528	4863	3255	61875
2001	14342	1461	6828	5293	3370	61438
2002	11482	1710	5222	4838	2582	51956
2003	10699	2362	5141	4626	2773	53302
2004	12671	4081	6130	5579	3155	69154
2005	14138	5889	6863	6758	3748	80928
2006	16342	8788	8862	7153	4223	101173
2007	20791	13880	11451	9542	5071	132669
2008	28426	22043	14582	13226	7508	190438
2009	22341	17475	12163	10607	5955	138633
2010	29990	28146	15868	13806	7679	199755
2011	37644	36065	18596	16721	8660	248833
2012	35853	37671	18088	15628	8507	245418
2013	39903	41032	18109	16699	7789	263571
2014	38829	41075	15557	15221	6492	251966
2015	29436	33791	11313	11417	5365	188602
Total	377188	296811	182300	161976	86133	2339710

Fonte: DOTS – FMI

A Tabela 2 mostra que a Argentina apresentou queda de 27% no nível de exportações no ano de 2015, seguida por Holanda com -25% e Estados Unidos com -24%. O fator predominante da queda de importações por esses países foi a crise comercial interna vivida no Brasil. Os Estados Unidos representam 16% das exportações brasileiras, seguidos por China com 12%, Argentina com quase 8% e Holanda e Alemanha juntas representando 10%.

Tabela 2: Taxa de Crescimento das Exportações do Brasil no período de 2000 a 2015

Anos / Países e Mundo	EUA	China	Argentina	Holanda	Alemanha	Mundo
2001	0%	9%	-9%	9%	4%	-1%
2002	-20%	17%	-24%	-9%	-23%	-15%
2003	-7%	38%	-2%	-4%	7%	3%
2004	18%	73%	19%	21%	14%	30%
2005	12%	44%	12%	21%	19%	17%
2006	16%	49%	29%	6%	13%	25%
2007	27%	58%	29%	33%	20%	31%
2008	37%	59%	27%	39%	48%	44%
2009	-21%	-21%	-17%	-20%	-21%	-27%
2010	34%	61%	30%	30%	29%	44%
2011	26%	28%	17%	21%	13%	25%
2012	-5%	4%	-3%	-7%	-2%	-1%
2013	11%	9%	0%	7%	-8%	7%
2014	-3%	0%	-14%	-9%	-17%	-4%
2015	-24%	-18%	-27%	-25%	-17%	-25%
Taxa de Crescimento de 2000 a 2015	106%	2414%	50%	135%	65%	205%

Fonte: DOTS – FMI

*Taxa de crescimento é anual

Segundo a Tabela 3, os maiores importadores de produtos russos são Holanda, Itália, Alemanha, China e Turquia. A Holanda nonuplicou a quantidade importada entre 2000 e 2015, o que representa um grande crescimento do mercado de exportações da Rússia. No período em questão, a Rússia aumentou as exportações em 97%. Além disso, Alemanha, China e Turquia, juntas, correspondem a 17% de todos os produtos exportados, enquanto Itália corresponde a 7% e a Holanda a 12%.

Tabela 3: Exportações da Rússia em US\$ milhões no período de 2000 a 2015

Anos / Países e Mundo	Holanda	Itália	Alemanha	China	Turquia	Mundo
2000	4340	7258	9231	5233	3098	103002
2001	3870	6844	8178	4021	2980	82539
2002	7185	7409	8033	6790	3349	107224
2003	8554	8340	10285	8161	4754	131473
2004	15207	10271	13295	10020	7200	166408
2005	24564	18959	19747	13049	10859	239285
2006	35877	25106	24491	15734	14348	291883
2007	42826	27532	26347	15893	18463	352385
2008	56907	41956	32345	21049	27436	459752
2009	35125	20306	11881	16093	10263	284993
2010	53240	24376	15861	19783	13977	373651
2011	61003	27780	22736	32020	15075	495883
2012	76889	32312	34993	35766	27427	524483
2013	70126	39323	37027	35625	25476	527266
2014	67970	35963	37127	37497	24972	497615
2015	40826	22293	25353	28606	19332	343427
Total	604508	356027	336931	305340	229008	4981269

Fonte: DOTS – FMI

A Tabela 4 evidencia que as exportações da Rússia para a Holanda cresceram acima da taxa de crescimento das exportações mundiais entre 2000 e 2012, entretanto, em 2013, 2014 e 2015, as exportações retraíram 9%, 3% e 40% respectivamente, enquanto as exportações mundiais se mantiveram a 1%, -6% e -31% no mesmo período. A Itália apresentou queda de 38% nas importações de produtos russos em 2015, enquanto Alemanha reduziu em 32%, China em -24% e Turquia em -31%.

Tabela 4: Taxa de Crescimento de Exportações da Rússia no período de 2000 a 2015

Anos / Países e Mundo	Holanda	Itália	Alemanha	China	Turquia	Mundo
2001	-11%	-6%	-11%	-23%	-4%	-20%
2002	86%	8%	-2%	69%	12%	30%
2003	19%	13%	28%	20%	42%	23%
2004	78%	23%	29%	23%	51%	27%
2005	62%	85%	49%	30%	51%	44%
2006	46%	32%	24%	21%	32%	22%
2007	19%	10%	8%	1%	29%	21%
2008	33%	52%	23%	32%	49%	30%
2009	-38%	-52%	-63%	-24%	-63%	-38%
2010	52%	20%	34%	23%	36%	31%
2011	15%	14%	43%	62%	8%	33%
2012	26%	16%	54%	12%	82%	6%
2013	-9%	22%	6%	0%	-7%	1%
2014	-3%	-9%	0%	5%	-2%	-6%
2015	-40%	-38%	-32%	-24%	-23%	-31%
Taxa de Crescimento de 2000 a 2015	841%	207%	175%	447%	524%	233%

Fonte: DOTS – FMI

*Taxa de crescimento é anual

Segundo Nassif (2006), o crescimento das exportações da Índia, entre 2000 e 2005 se deu devido ao desempenho notável da economia indiana em virtude das reformas estruturais iniciadas em 1980 para gerar o aumento da produtividade na economia; política macroeconômica voltada ao crescimento e geração de empregos e também à visão estratégica de longo prazo, que mantém o planejamento e a presença do Estado em setores pouco atrativos à iniciativa privada. As exportações mundiais da Índia cresceram 524% de 2000 a 2015. Um crescimento notório, consequência dos fatores citados por Nassif (2006).

A Índia apresenta um forte mercado exportador, em que os Estados Unidos representam 13% das exportações, acompanhados por Emirados Árabes Unidos com 10% e China, Hong Kong e Singapura com 10% do mercado mundial de exportações.

Os Estados Unidos ultrapassaram os Emirados Árabes em relação às exportações indianas em 2001, mas entre 2008 e 2012, o país importou menos que os Emirados Árabes, retornando em 2013 a ser o maior importador de produtos da Índia. As exportações para o mercado chinês cresceram doze vezes ao longo de 2000 a 2015, como mostra a Tabela 5. Hong Kong e Singapura mantiveram o crescimento no nível de exportações até 2010.

Tabela 5: Exportações da Índia em US\$ milhões no período de 2000 a 2015

Ano / Países e Mundo	EUA	EAU	China	Hong Kong	Singapura	Mundo
2000	9083	2469	758	2608	826	42626
2001	8319	2551	916	2408	910	43314
2002	10308	3119	1720	2552	1309	50496
2003	11364	4676	2710	3100	1949	61119
2004	12839	6605	4178	3554	3378	75385
2005	16475	8281	6473	4276	5069	98202
2006	18516	11172	7910	4628	5908	120532
2007	20285	14728	10195	5899	7043	153768
2008	20852	21848	9664	6573	7997	177698
2009	18280	20667	10155	6938	6721	165184
2010	23612	29507	17519	9518	9094	222922
2011	33360	38773	19113	12643	16147	307086
2012	36196	36536	14904	12149	14693	297261
2013	38711	31957	14517	13024	13479	315127
2014	42496	33170	13252	13508	9645	317733
2015	40337	30443	9637	12153	7803	266252
Total	361032	296501	143621	115530	111970	2714704

Fonte: DOTS – FMI

É possível analisar na Tabela 6, que Emirados Árabes Unidos, China e Singapura tiveram taxa de crescimento das exportações da Índia superior à taxa de crescimento de exportações do país com o mundo. Entre 2002 e 2008, os Emirados Árabes tiveram aumento na taxa de exportações de mais de 22% ao ano, chegando a 50% de crescimento das exportações indianas para o país. Em relação à China, até 2007 o país teve uma taxa de crescimento de exportações superior a 21% ao ano, chegando a 88%. Singapura chegou a crescer 73% ao ano na importação de produtos da Índia. Esses países obtiveram taxas de crescimento superiores as dos Estados Unidos, maior exportador da Índia em termos absolutos, mas que apresentou taxas de crescimento de exportações moderadas se comparados aos países citados.

Tabela 6: Taxa de Crescimento de Exportações da Índia no período de 2000 a 2015

Anos / Países e Mundo	EUA	EAU	China	Hong Kong	Singapura	Mundo
2001	-8%	3%	21%	-8%	10%	2%
2002	24%	22%	88%	6%	44%	17%
2003	10%	50%	58%	21%	49%	21%
2004	13%	41%	54%	15%	73%	23%
2005	28%	25%	55%	20%	50%	30%
2006	12%	35%	22%	8%	17%	23%
2007	10%	32%	29%	27%	19%	28%
2008	3%	48%	-5%	11%	14%	16%
2009	-12%	-5%	5%	6%	-16%	-7%
2010	29%	43%	73%	37%	35%	35%
2011	41%	31%	9%	33%	78%	38%
2012	9%	-6%	-22%	-4%	-9%	-3%
2013	7%	-13%	-3%	7%	-8%	6%
2014	10%	4%	-9%	4%	-28%	1%
2015	-5%	-8%	-27%	-10%	-19%	-16%
Taxa de Crescimento de 2000 a 2015	344%	1133%	1171%	366%	845%	525%

Fonte: DOTS – FMI

*Taxa de crescimento é anual

A China é a segunda maior economia mundial (IPRI), atrás somente dos Estados Unidos, principal país a importar produtos chineses, responsável por 18% do mercado Chinês. Hong Kong está logo atrás, com uma fatia de 15% das exportações, seguido por Japão, Coréia do Sul e Alemanha, com 16%. De acordo com a Tabela 7, as exportações da China cresceram ao longo dos anos, com exceção para o ano de 2009.

Tabela 7: Exportações da China em US\$ milhões no período de 2000 a 2015

Anos / Países e Mundo	EUA	Hong Kong	Japão	Coréia do Sul	Alemanha	Mundo
2000	52162	44520	41654	11293	9278	249212
2001	54395	46503	45078	12544	9759	266713
2002	70064	58483	48483	15508	11382	325751
2003	92633	76289	59423	20096	17536	438371
2004	125181	101126	73536	27810	23754	593647
2005	163348	124505	84097	35117	32537	762347
2006	203898	155435	91773	44558	40302	969220
2007	233181	184289	102116	56129	48729	1218150
2008	252786	190772	116176	73905	59192	1428870
2009	221384	166261	98045	53639	49943	1202050
2010	283679	218205	120262	68811	68069	1578440
2011	324856	268039	147290	82925	76433	1899280
2012	352540	323654	151509	87647	69176	2050090
2013	369007	384877	149912	91174	67349	2210660
2014	397099	363223	149452	100402	72731	2343220
2015	410783	332728	135897	101429	69204	2280540
Total	3606996	3038908	1614703	882986	725374	19816561

Fonte: DOTS – FMI

A Tabela 8 evidencia que as taxas de crescimento de exportações chinesas para os Estados Unidos decresceram em 12%, para Hong Kong em 13%, Coréia do Sul em 27% e Alemanha e Japão em 16%.

Tabela 8: Taxa de Crescimento de Exportações da China no período de 2000 a 2015

Anos / Países e Mundo	EUA	Hong Kong	Japão	Coréia do Sul	Alemanha	Mundo
2001	4%	4%	8%	11%	5%	7%
2002	29%	26%	8%	24%	17%	22%
2003	32%	30%	23%	30%	54%	35%
2004	35%	33%	24%	38%	35%	35%
2005	30%	23%	14%	26%	37%	28%
2006	25%	25%	9%	27%	24%	27%
2007	14%	19%	11%	26%	21%	26%
2008	8%	4%	14%	32%	21%	17%
2009	-12%	-13%	-16%	-27%	-16%	-16%
2010	28%	31%	23%	28%	36%	31%
2011	15%	23%	22%	21%	12%	20%
2012	9%	21%	3%	6%	-9%	8%
2013	5%	19%	-1%	4%	-3%	8%
2014	8%	-6%	0%	10%	8%	6%
2015	3%	-8%	-9%	1%	-5%	-3%
Taxa de Crescimento de 2000 a 2015	688%	647%	226%	798%	646%	815%

Fonte: DOTS – FMI

*Taxa de crescimento é anual

A África do Sul passou a contemplar o BRIC em 2010 e, desde então, foi motivo de crítica acerca de sua participação. O crescimento econômico e demográfico mais significativo no continente africano pertence à Nigéria, que é grande produtor de petróleo. No aspecto econômico, a África do Sul é o menor membro do BRICS, apesar de representar o maior PIB da África.

A Tabela 9 demonstra que a partir de 2009 a China tem sido o principal país receptor de produtos sul-africanos. Ao contrário dos Estados Unidos, Japão, Alemanha e Holanda que reduziram o fluxo de exportações advindas da África do Sul, a China elevou as exportações entre 2007 e 2012.

Tabela 9: Exportações da África do Sul em US\$ milhões no período de 2000 a 2015

Anos / Países e Mundo	EUA	China	Japão	Alemanha	Holanda	Mundo
2000	2418	336	1357	1905	1013	30430
2001	2338	456	1270	1971	1120	29512
2002	2427	448	1482	1874	1182	29901
2003	3824	884	3129	2426	1500	36356
2004	4659	1049	4083	3223	1829	45558
2005	4895	1376	5126	3340	2349	51566
2006	6070	2085	6234	3944	2745	52443
2007	7538	4167	7025	5104	2882	63491
2008	8083	4384	8090	5843	3775	73008
2009	5003	5627	4127	3815	2055	54408
2010	7214	8123	6415	5804	2307	91347
2011	8408	12424	7662	5878	2965	97415
2012	7832	10329	5682	4539	2806	99556
2013	6967	12042	5556	4289	3067	95956
2014	6476	8760	4876	4584	2994	91164
2015	6470	10023	4183	5294	2056	89295
Total	90622	82510	76297	63833	36644	1031403

Fonte: DOTS – FMI

A tabela 10 revela que as exportações da África do Sul em relação aos Estados Unidos não variaram em 2015 e retraiu nos três anos anteriores, entretanto, o país ainda é o maior parceiro comercial, com aproximadamente 9% do mercado exportador. A China representa 8% das exportações, acompanhada pelo Japão com 7%, da Alemanha com 6% e a Holanda com 3% do mercado. A China apresentou crescimento médio anual de importações de produtos da África do Sul de 30% ao longo de 2000 a 2015, enquanto os EUA cresceram, em média, 9% neste mesmo período em discussão.

Tabela 10: Taxa de Crescimento de Exportações da África do Sul no período de 2000 a 2015

Anos / Países e Mundo	EUA	China	Japão	Alemanha	Holanda	Mundo
2000	0	0	0	0	0	0
2001	-3%	36%	-6%	3%	11%	-3%
2002	4%	-2%	17%	-5%	6%	1%
2003	58%	97%	111%	29%	27%	22%
2004	22%	19%	30%	33%	22%	25%
2005	5%	31%	26%	4%	28%	13%
2006	24%	52%	22%	18%	17%	2%
2007	24%	100%	13%	29%	5%	21%
2008	7%	5%	15%	14%	31%	15%
2009	-38%	28%	-49%	-35%	-46%	-25%
2010	44%	44%	55%	52%	12%	68%
2011	17%	53%	19%	1%	29%	7%
2012	-7%	-17%	-26%	-23%	-5%	2%
2013	-11%	17%	-2%	-6%	9%	-4%
2014	-7%	-27%	-12%	7%	-2%	-5%
2015	0%	14%	-14%	15%	-31%	-2%
Taxa de Crescimento de 2000 a 2015	168%	2883%	208%	178%	103%	193%

Fonte: DOTS – FMI

2.2 – Importações dos BRICS

A presente seção deste trabalho tem por objetivo sistematizar um conjunto de dados referentes às importações dos BRICS no período de 2000 a 2015.

Os principais parceiros comerciais do Brasil em âmbito de importações são: Estados Unidos com 16%, China com 12%, Argentina com 4%, seguida por Alemanha e Japão que juntos representam 10% do mercado importador brasileiro. É possível verificar na Tabela 11 uma drástica queda das importações brasileiras entre 2011 e 2015, chegando a alcançar o pior nível de compras desde 2010. Tal queda ocorreu devido à crise econômica no Brasil, acompanhada da desvalorização do real.

Tabela 11: Importações do Brasil em US\$ milhões no período de 2000 a 2015

Ano / Países e Mundo	EUA	China	Argentina	Alemanha	Japão	Mundo
2000	14303	1344	7528	4863	3255	61875
2001	14342	1461	6828	5293	3370	61438
2002	11482	1710	5222	4838	2582	51956
2003	10699	2362	5141	4626	2773	53302
2004	12671	4081	6130	5579	3155	69154
2005	14138	5889	6863	6758	3748	80928
2006	16342	8788	8862	7153	4223	101173
2007	20791	13880	11451	9542	5071	132669
2008	28426	22043	14582	13226	7508	190438
2009	22341	17475	12163	10607	5955	138633
2010	29990	28146	15868	13806	7679	199755
2011	37644	36065	18596	16721	8660	248833
2012	35853	37671	18088	15628	8507	245418
2013	39903	41032	18109	16699	7789	263571
2014	38829	41075	15557	15221	6492	251966
2015	29436	33791	11313	11417	5365	188602
Total	377188	296811	182300	161976	86133	2339710

Fonte: DOTS – FMI

A taxa de crescimento das importações brasileiras (Tabela 12) apresentou valores deficitários a partir de 2012 devido à recessão que se instaurou no país. Ainda assim, é possível ver que a China obteve crescimento de 4% nas importações brasileiras, enquanto os Estados Unidos reduziram em 5%, Argentina em 3%, Alemanha em 7% e Japão em 2%. Já em 2015, a queda das importações foi mais abundante, variando entre reduções de 17% da Alemanha e 27% da Argentina.

Cabe ressaltar que diferentemente dos demais países, a China é parceira comercial de todos os demais integrantes do BRICS.

Tabela 12: Taxa de Crescimento de Importações do Brasil no período de 2000 a 2015

Ano / Países e Mundo	EUA	China	Argentina	Alemanha	Japão	Mundo
2000	0	0	0	0	0	0
2001	0%	9%	-9%	9%	4%	-1%
2002	-20%	17%	-24%	-9%	-23%	-15%
2003	-7%	38%	-2%	-4%	7%	3%
2004	18%	73%	19%	21%	14%	30%
2005	12%	44%	12%	21%	19%	17%
2006	16%	49%	29%	6%	13%	25%
2007	27%	58%	29%	33%	20%	31%
2008	37%	59%	27%	39%	48%	44%
2009	-21%	-21%	-17%	-20%	-21%	-27%
2010	34%	61%	30%	30%	29%	44%
2011	26%	28%	17%	21%	13%	25%
2012	-5%	4%	-3%	-7%	-2%	-1%
2013	11%	9%	0%	7%	-8%	7%
2014	-3%	0%	-14%	-9%	-17%	-4%
2015	-24%	-18%	-27%	-25%	-17%	-25%
Taxa de Crescimento de 2000 a 2015	106%	2414%	50%	135%	65%	205%

Fonte: DOTS – FMI

A China representa 14% do mercado de importações da Rússia, seguida pela Alemanha com 12%. Além disso, a Tabela 13 evidencia que o mercado chinês obteve aumento considerável nas importações da Rússia, ultrapassando os Estados Unidos em 2003, a Ucrânia em 2006 e a Alemanha em 2008 em termos de maior exportador para o mercado russo.

Tabela 13: Importações da Rússia em US\$ milhões no período de 2000 a 2015

Anos / Países e Mundo	China	Alemanha	Ucrânia	EUA	Japão	Mundo
2000	948	3896	3647	2703	572	33853
2001	1611	5716	3777	3199	813	36889
2002	2382	6508	3219	2923	974	45508
2003	3270	7956	4369	2931	1816	56677
2004	4733	10571	6097	3205	3937	69055
2005	7239	13226	7776	4571	5841	97405
2006	12888	18428	9239	6417	7785	132517
2007	24412	26552	13326	9502	12717	199444
2008	34721	34099	16231	13805	18573	266993
2009	22885	21157	8964	8645	7259	160770
2010	39059	26620	14003	9842	10256	217421
2011	46011	29538	19426	11110	6711	295359
2012	51651	38306	17946	15503	15650	316850
2013	53173	37917	15791	16718	13561	314967
2014	50929	32961	10726	18727	10925	285844
2015	34946	20439	5671	11581	6813	182404
Total	390859	333889	160206	141382	124202	2711956

Fonte: DOTS – FMI

A Tabela 14 destaca que enquanto a Rússia elevou em média 15% as importações mundiais no período, a China cresceu em média 33% no mercado de importações russas. Em 2015, a Rússia apresentou uma grande queda no setor de importações, retraindo 36%, sendo pior que o Brasil no mesmo período, em recessão, que reduziu 25% das importações. O principal fator para a queda nas taxas de importações da Rússia foi a desvalorização do rublo, em decorrência da queda nos preços do petróleo e sanções impostas pelos governos ocidentais em contrapartida ao governo russo.

Tabela 14: Taxa de Crescimento de Importações da Rússia no período de 2000 a 2015

Anos / Países e Mundo	China	Alemanha	Ucrânia	EUA	Japão	Mundo
2001	70%	47%	4%	18%	42%	9%
2002	48%	14%	-15%	-9%	20%	23%
2003	37%	22%	36%	0%	86%	25%
2004	45%	33%	40%	9%	117%	22%
2005	53%	25%	28%	43%	48%	41%
2006	78%	39%	19%	40%	33%	36%
2007	89%	44%	44%	48%	63%	51%
2008	42%	28%	22%	45%	46%	34%
2009	-34%	-38%	-45%	-37%	-61%	-40%
2010	71%	26%	56%	14%	41%	35%
2011	18%	11%	39%	13%	-35%	36%
2012	12%	30%	-8%	40%	133%	7%
2013	3%	-1%	-12%	8%	-13%	-1%
2014	-4%	-13%	-32%	12%	-19%	-9%
2015	-31%	-38%	-47%	-38%	-38%	-36%
Taxa de Crescimento de 2000 a 2015	3586%	425%	55%	328%	1091%	439%

Fonte: DOTS – FMI

A economia indiana cresceu mais de 700% o nível de importações entre 2000 e 2015. Hoje é a sétima economia mundial e os principais parceiros nesse setor são China, Emirados Árabes, Arábia Saudita, Estados Unidos e Suíça, conforme explicita a Tabela 15. Nesta tabela, verifica-se que em 2000, os maiores importadores de produtos indianos eram os Estados Unidos e Suíça. Só em 2005 a China se tornou o principal parceiro do fluxo de importações da Índia. Em 2011, a Suíça importou mais que a Arábia Saudita e Estados Unidos. Em 2015 a China importou aproximadamente o equivalente a somatória das importações de Arábia Saudita, Estados Unidos e Suíça.

Tabela 15: Importações da Índia em US\$ milhões no período de 2000 a 2015

Anos / Países e Mundo	China	EAU	Arábia Saudita	EUA	Suíça	Mundo
2000	1449	1078	1220	3152	3020	50336
2001	1809	910	496	3059	3420	50144
2002	2603	947	495	4129	2465	58912
2003	3738	1784	680	4890	3067	74070
2004	6073	3951	1130	5981	5192	99835
2005	9926	4426	1550	8848	6403	139754
2006	15813	7582	10446	11173	8482	176602
2007	24692	12267	17897	18708	9655	235016
2008	30276	18821	19470	18889	11044	281466
2009	28840	15418	14603	16644	10222	257658
2010	41333	30977	20407	19136	22292	350783
2011	55299	35657	28321	23454	31568	465076
2012	52407	38258	33184	25142	30595	490413
2013	51457	33214	36083	23480	25798	467950
2014	58280	27212	32581	21234	21169	460512
2015	62528	22114	21904	20808	21367	405513
Total	446521	254615	240465	228728	215757	4064040

Fonte: DOTS – FMI

A tabela 16 revela que o país elevou as importações da Arábia Saudita em 574% em 2006, enquanto China crescera 59%, Emirados Árabes 71%, Estados Unidos 26% e Suíça 32% no nível de importações. Em 2015, a Arábia Saudita decresceu o nível de importações indianas em 33%, enquanto os Emirados Árabes diminuíram em 19% e Estados Unidos em 2% a compra de produtos da Índia. As importações mundiais indianas sofreram quedas entre 2013 e 2015 de 5%, 2% e 12% respectivamente.

Tabela 16: Taxa de Crescimento de Importações da Índia no período de 2000 a 2015

Anos / Países e Mundo	China	EAU	Arábia Saudita	EUA	Suíça	Mundo
2001	25%	-16%	-59%	-3%	13%	0%
2002	44%	4%	0%	35%	-28%	17%
2003	44%	88%	37%	18%	24%	26%
2004	62%	121%	66%	22%	69%	35%
2005	63%	12%	37%	48%	23%	40%
2006	59%	71%	574%	26%	32%	26%
2007	56%	62%	71%	67%	14%	33%
2008	23%	53%	9%	1%	14%	20%
2009	-5%	-18%	-25%	-12%	-7%	-8%
2010	43%	101%	40%	15%	118%	36%
2011	34%	15%	39%	23%	42%	33%
2012	-5%	7%	17%	7%	-3%	5%
2013	-2%	-13%	9%	-7%	-16%	-5%
2014	13%	-18%	-10%	-10%	-18%	-2%
2015	7%	-19%	-33%	-2%	1%	-12%
Taxa de Crescimento de 2000 a 2015	4215%	1951%	1695%	560%	608%	706%

Fonte: DOTS – FMI

A China é a segunda maior economia do mundo, sendo a maior em poder de compra. O Japão é o maior exportador chinês, com 11% das importações. A Coréia do Sul corresponde a 10% do mercado, Taiwan a 8%, Estados Unidos a 7% e a Alemanha a 5%. A tabela 17 mostra que o Japão é o maior importador de produtos chineses desde 2000, mas que a partir de 2013 a Coréia do Sul elevou a participação no mercado de importações chinesas.

Tabela 17: Importações da China em US\$ milhões no período de 2000 a 2015

Anos / Países e Mundo	Japão	Coréia do Sul	Taiwan	EUA	Alemanha	Mundo
2000	41520	23208	25497	22376	10411	225175
2001	42810	23396	27344	26221	13695	243567
2002	53489	28581	38083	27251	16434	295440
2003	74151	43135	49362	33939	24341	412836
2004	94192	62166	64760	44744	30159	560811
2005	100468	76874	74655	48995	30668	660219
2006	115811	89819	87141	59326	37888	791793
2007	133903	104045	100986	69998	45422	956261
2008	150808	112175	103330	81723	55911	1131920
2009	130928	102501	85707	77773	55916	1003890
2010	176304	138024	115645	101959	74378	1393910
2011	194410	161673	124895	119164	92759	1741430
2012	177727	166590	132194	128638	92029	1817340
2013	162219	182882	156512	146979	94131	1949300
2014	162686	190286	152310	154136	104776	1963110
2015	142716	174289	144488	144867	87470	1601760
Total	1954142	1679642	1482909	1288088	866388	16748762

Fonte: DOTS – FMI

Na Tabela 18, nota-se que entre 2013 e 2015 a Coréia do Sul ultrapassou o Japão no setor de importações da China, entretanto, esta tabela classifica pelo total de importações no período de 2000 a 2015, e sendo assim, os japoneses foram majoritários na fatia do mercado. Apesar de a China retrain as importações mundiais em 18% em 2015, o Japão reduziu em nível inferior, com 12%, seguido pela Coréia do Sul com 8%, Taiwan com 5% e Estados Unidos com 6%.

Tabela 18: Taxa de Crescimento de Importações da China no período de 2000 a 2015

Anos / Países e		Coréia do				
Mundo	Japão	Sul	Taiwan	EUA	Alemanha	Mundo
2001	3%	1%	7%	17%	32%	8%
2002	25%	22%	39%	4%	20%	21%
2003	39%	51%	30%	25%	48%	40%
2004	27%	44%	31%	32%	24%	36%
2005	7%	24%	15%	9%	2%	18%
2006	15%	17%	17%	21%	24%	20%
2007	16%	16%	16%	18%	20%	21%
2008	13%	8%	2%	17%	23%	18%
2009	-13%	-9%	-17%	-5%	0%	-11%
2010	35%	35%	35%	31%	33%	39%
2011	10%	17%	8%	17%	25%	25%
2012	-9%	3%	6%	8%	-1%	4%
2013	-9%	10%	18%	14%	2%	7%
2014	0%	4%	-3%	5%	11%	1%
2015	-12%	-8%	-5%	-6%	-17%	-18%
Taxa de crescimento de 2000 a 2015	244%	651%	467%	547%	740%	611%

Fonte: DOTS – FMI

A África do Sul tinha a Alemanha como principal país de compra até 2009, quando a China tomou o posto de maior exportadora para a África do Sul. Ela representa com 12% do mercado sul-africano de importações no período mostrado na tabela acima, seguida pela Alemanha que corresponde a 11%, Estados Unidos a 7% e Arábia Saudita e Japão a 5% cada.

A tabela 19 indica que em quase todos os anos de queda na taxa de crescimento das importações mundiais na África do Sul (2001, 2009, 2013, 2015), o país manteve os níveis positivos em termos de crescimento com a China, enquanto que, com os outros países retraiu as transações de compra.

Tabela 19: Importações da África do Sul em US\$ milhões no período de 2000 a 2015

Anos / Países e Mundo	China	Alemanha	EUA	Arábia Saudita	Japão	Mundo
2000	1098	3936	3490	2228	2348	29355
2001	1161	4106	3311	1903	1876	27760
2002	1488	4487	3272	1423	1994	28545
2003	2414	5576	3681	2139	2645	37354
2004	3915	7391	4397	2908	3565	51885
2005	5422	8489	4711	0	4078	59653
2006	7495	9422	5698	3958	4912	74781
2007	9444	10237	6771	3986	5779	94132
2008	11010	11175	7817	6201	5472	99560
2009	12694	8294	5442	3592	3445	73781
2010	12651	10061	6591	3550	4674	90932
2011	15630	11725	8728	4892	5202	109592
2012	16029	11258	8254	8691	5084	114119
2013	17576	11806	7234	8846	4488	113265
2014	16974	11030	7271	7880	4157	109374
2015	17269	11029	6560	4028	3336	98493
Total	152269	140023	93228	66226	63057	1212581

Fonte: DOTS – FMI

A Tabela 20 exibe a África do Sul com uma retração de 26% das importações mundiais no ano de 2009. Alemanha, Estados Unidos, Arábia Saudita e Japão reduziram o comércio com os sul-africanos em 26%, 30%, 42% e 37% respectivamente, no mesmo ano. No entanto, a China cresceu suas vendas em 15% mesmo com a redução das importações da África do Sul em relação aos outros países.

Tabela 20: Taxa de Crescimento de Importações da África do Sul no período de 2000 a 2015

Anos / Países e Mundo	China	Alemanha	EUA	Arábia Saudita	Japão	Mundo
2001	6%	4%	-5%	-15%	-20%	-5%
2002	28%	9%	-1%	-25%	6%	3%
2003	62%	24%	12%	50%	33%	31%
2004	62%	33%	19%	36%	35%	39%
2005	38%	15%	7%	-100%	14%	15%
2006	38%	11%	21%	-	20%	25%
2007	26%	9%	19%	1%	18%	26%
2008	17%	9%	15%	56%	-5%	6%
2009	15%	-26%	-30%	-42%	-37%	-26%
2010	0%	21%	21%	-1%	36%	23%
2011	24%	17%	32%	38%	11%	21%
2012	3%	-4%	-5%	78%	-2%	4%
2013	10%	5%	-12%	2%	-12%	-1%
2014	-3%	-7%	1%	-11%	-7%	-3%
2015	2%	0%	-10%	-49%	-20%	-10%
Taxa de Crescimento de 2000 a 2015	1473%	180%	88%	81%	42%	236%

Fonte: DOTS – FMI

2.3 – Taxa de Câmbio

A taxa de câmbio pode ser caracterizada por regime de câmbio fixo, câmbio flutuante ou regimes intermediários. O Brasil, Rússia, Índia e África do Sul operam em regime de câmbio flutuante. Já a China caracteriza-se pelo câmbio administrado, aproximando-se do regime de câmbio fixo.

Na tabela abaixo (Tabela 21), é possível ver que a taxa de câmbio nominal do Brasil variou entre 1,83 no início do período (2000) e 3,33 em 2015, onde foi o valor mais depreciado dos quinze anos em análise. A unidade monetária brasileira (real) chegou a apreciação de 1,67 em relação ao dólar, em 2011.

A China possui o Yuan Renminbi como divisa e apreciou no período de 2000 a 2015. Em 2000, a unidade monetária chinesa valia o equivalente a 8,28 em relação ao dólar, e em 2015, era possível converter 6,23 UMD em um dólar. A maior apreciação da moeda chinesa ocorreu em 2014, valendo 6,14 UMD por US\$.

Tabela 21: Taxa de Câmbio Nominal UMD por US\$ no período de 2000 a 2015

Anos / Países	Brasil	China	Índia	Rússia	África do Sul
2000	1,83	8,28	44,94	28,13	6,94
2001	2,35	8,28	47,19	29,17	8,61
2002	2,92	8,28	48,61	31,35	10,54
2003	3,08	8,28	46,58	30,69	7,56
2004	2,93	8,28	45,32	28,81	6,46
2005	2,43	8,19	44,10	28,28	6,36
2006	2,18	7,97	45,31	27,19	6,77
2007	1,95	7,61	41,35	25,58	7,05
2008	1,83	6,95	43,51	24,85	8,26
2009	2,00	6,83	48,41	31,74	8,47
2010	1,76	6,77	45,73	30,37	7,32
2011	1,67	6,46	46,67	29,38	7,26
2012	1,95	6,31	53,44	30,84	8,21
2013	2,16	6,20	58,60	31,84	9,66
2014	2,35	6,14	61,03	38,38	10,85
2015	3,33	6,23	64,15	60,94	12,76

Fonte: IFS FMI

A Índia e Rússia detêm de moedas desvalorizadas perante o dólar. Ambos os países sofreram depreciações das respectivas moedas ao longo do período analisado na Tabela 22. Em 2008, a moeda indiana chegou a valer 55% a mais que em 2015, sendo a melhor apreciação vista. Já a Rússia depreciou 145% o valor de sua moeda entre 2008 e 2015. A moeda da África do Sul sofreu queda de 100% em seu valor entre 2005 e 2015.

Tabela 22: Taxa de Câmbio Real Efetiva no período de 2000 a 2015 (2010=100)

Anos / Países	Brasil	China	Índia	Rússia	África do Sul
2000	70,4	93,2	92,1	54,2	91,8
2001	59,6	97,5	94,0	64,5	81,0
2002	55,4	95,0	90,8	66,2	69,4
2003	53,9	88,2	90,6	67,3	91,3
2004	56,3	85,5	91,5	72,5	99,4
2005	69,3	84,6	94,5	80,1	100,5
2006	77,4	85,7	93,6	88,6	96,4
2007	83,6	88,8	99,8	93,6	90,9
2008	87,7	96,4	94,9	100,0	79,8
2009	87,5	100,7	89,6	91,5	86,8
2010	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
2011	104,6	102,5	100,1	103,7	98,1
2012	94,4	108,7	93,8	104,9	92,2
2013	90,0	115,6	89,4	106,7	82,0
2014	88,9	118,3	90,8	96,2	77,0
2015	74,0	129,7	97,8	77,8	75,5

Fonte: BIS

A taxa de câmbio real efetiva expressa o poder de compra da moeda nacional envolvida em transações externas. Na tabela acima, 2010 é o ano base (2010=100). China e Índia tiveram aumento (entre 2000 a 2015), ou seja, apreciação na taxa de câmbio real efetiva. O Brasil se manteve quase estável, depreciando um pouco. Já a África do Sul apresentou diminuição (depreciação) do poder de compra internacional em período semelhante.¹

2.4 – Preço de Commodities

Os dados da tabela 23 abaixo se referem aos preços de commodities primárias, primárias sem combustíveis, alimentos, matéria-prima agrícola, metais, energia e as economias emergentes e em desenvolvimento. O ano base é 2010 (2010=100). É possível notar que em todos os setores houve aumento dos preços. As commodities primárias apreciaram em 76%, as commodities primárias sem combustíveis, 69%. Os alimentos tiveram 73% de taxa de crescimento, enquanto a matéria-prima agrícola variou 21%, metais 103% e energia 82%. As economias emergentes e em desenvolvimento variaram 145%.

Tabela 23: Preço de Commodities no período de 2000 a 2015 (2010=100)

Anos	Commodities						
	Commodities Primárias	Commodities Primárias Sem Combustíveis	Alimentos	Matéria-Prima Agrícola	Metais	Energia	Economias Emergentes e em Desenvolvimento
2000	41,42	49,08	54,03	78,65	30,99	36,50	32,24
2001	38,29	47,07	53,76	75,97	27,81	32,64	29,31
2002	38,23	47,76	55,12	75,83	26,84	32,11	30,85
2003	42,71	50,74	59,03	76,27	30,00	37,55	38,45
2004	52,71	58,30	66,88	79,36	40,38	49,13	49,35
2005	65,64	61,96	66,49	79,93	49,43	67,99	55,25
2006	79,30	76,38	73,52	86,91	77,20	81,19	71,31
2007	88,64	87,05	84,56	91,25	90,61	89,67	83,45
2008	113,22	93,95	105,13	90,62	83,54	125,58	101,06
2009	79,23	78,96	89,18	75,08	67,48	79,41	80,12
2010	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
2011	126,37	117,98	120,15	122,70	113,54	131,76	118,77
2012	122,33	106,15	117,24	107,13	94,42	132,72	105,94
2013	120,33	104,71	118,05	108,87	90,40	130,36	97,84
2014	112,79	100,55	113,16	110,93	81,13	120,64	93,05
2015	72,98	82,98	93,79	95,94	62,36	66,56	79,09

Fonte: IFS FMI

¹ Cabe ressaltar que na análise da taxa de câmbio real efetiva, aumento (diminuição) estão associados a apreciação e depreciação cambial respectivamente.

Conclusão

O BRICS compõe um grupo de países em ascensão econômica com abertura comercial e crescente desempenho nos últimos anos. Esses fatores, aliados à estabilidade de fatores macroeconômicos justificam a crença de que estas economias estão a caminho de representar um papel cada vez mais influente na governança global.

A base de dados permite analisar que, no geral, os países do grupo estão em expansão econômica. O Brasil, nos últimos anos, enfrentou recessão, entretanto, é possível ver um crescimento nas exportações e importações. O mesmo acontece com o fluxo de comércio da Rússia e África do Sul no período em análise no trabalho. Essas economias cresceram significativamente no mercado internacional. A Índia e a China se diferem dos demais países por apresentarem crescimento acima da média, em virtude de políticas e investimentos no setor. Ao verificar as tabelas, fica evidente que China e Índia passaram a representar maior influência no mercado global. Segundo a OMC (Organização Mundial do Comércio), o BRICS elevou em mais de 500% as exportações no período de 2001 a 2011, enquanto o montante global cresceu em média 195%.

Na VI Cúpula do BRICS, foi criado o Novo Banco de Desenvolvimento, com capital inicial de US\$50 bilhões e acordado um montante para os países integrantes recorrerem em caso de dificuldade de liquidez. Esse fato só reforça a importância e crescente influência que essas economias representam nos fluxos de comércio internacionais.

É possível ver um aumento notável nos fluxos de comércio (exportações e importações) dos BRICS no período de 2000 a 2015, com ênfase no mercado chinês devido a enorme demanda por commodities. Além disso, há um aumento significativo em produtos industrializados originados da China. A Índia, Rússia, o Brasil e a África do Sul mantêm um crescimento considerável, mas em menor proporção.

Em relação ao câmbio nominal a moeda chinesa se tornou mais valorizada, porém não afetou sua capacidade exportadora. Já o Brasil, a Rússia, Índia e África do Sul adotam o câmbio flutuante que permite um autoajuste que beneficia a economia, evitando artificialismos. O câmbio efetivo mostra que a África do Sul apresentou depreciação, enquanto China e Rússia se apreciaram e Brasil e Índia tiveram uma leve apreciação, se mantendo praticamente estáveis no intervalo analisado.

A depreciação do valor das commodities em relação ao auge dos preços, que ocorrera em 2011, impôs principalmente ao Brasil e Rússia uma crise que permanece atualmente. O fato de Brasil (commodities agrícolas e minerais) e Rússia (petróleo e gás) terem se tornado tão dependentes das exportações das respectivas commodities, acentuou a crise nesses países pertencentes ao BRICS.

A análise desenvolvida neste trabalho acerca dos fluxos de comércio (exportações e importações), taxas de crescimento de importações e exportações, câmbio e preço de commodities dos BRICS revela que o desempenho e a evolução comercial dessas economias são significantes indícios para uma mudança na estrutura do comércio internacional no médio e longo prazo.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Paulo Roberto de. In O BRIC e a substituição de hegemonias: um exercício analítico (perspectiva histórico-diplomática sobre a emergência de um novo cenário global) in BAUMANN, Renato: **O Brasil e os demais BRICs Comércio e Política**: CEPAL; IPEA, 2010. p. 131-154
- ALMEIDA, Paulo Roberto de. **O papel dos BRICS na economia mundial**. 2009, p. 57-65
- ARAÚJO JR., José Tavares de; COSTA, Katarina Pereira da. Abertura comercial e Inserção internacional: os casos do Brasil, China e Índia in BAUMANN, Renato: **O Brasil e os demais BRICs Comércio e Política**: CEPAL; IPEA, 2010. p. 61-78
- BAUMANN, Renato; Araujo, RAQUEL e; FERREIRA, Jonathan. As relações comerciais do Brasil com os demais BRICs in BAUMANN, Renato: **O Brasil e os demais BRICs Comércio e Política**: CEPAL; IPEA, 2010. p. 9-46
- BIS – Bank of International Settlements. Base de Dados de Taxa de Câmbio. Disponível em: <http://www.bis.org/statistics/eer.htm>
- DOTS – Direction of Trade Statistics. FMI, Versão CD-ROM, 2016.
- FERRAZ, Lucas C. do P. **Acordos Bilaterais de Comércio entre as Economias do BRICS: Uma abordagem de equilíbrio geral**. IPEA (2013)
- FILGUEIRAS, Marina; KUME, Honório. A competitividade do Brasil e da China no mercado Norte-Americano: 2000-2008 in BAUMANN, Renato: **O Brasil e os demais BRICs: Comércio e Política**: CEPAL; IPEA, 2010. p. 47-60
- FIORI, José Luis. A nova geopolítica das nações e o lugar da China, Índia, Brasil e África do Sul, Oikos vol. 6, n.2, p. 77-105. Rio de Janeiro, 2007
- HOLLAND, Márcio; BARBI, Fernando. China na América Latina: uma análise da perspectiva dos investimentos diretos estrangeiros in BAUMANN, Renato: **O Brasil e os demais BRICs Comércio e Política**: CEPAL; IPEA, 2010. p. 109-130
- IFS – International Financial Statistics, FMI. Versão CD-ROM, 2016.

- LIMA, M. R.S. de e IUPERJ. Brasil e polos emergentes do poder mundial: Rússia, Índia, China e África do Sul. In BAUMANN, Renato: **O Brasil e os demais BRICs: Comércio e Política**: CEPAL; IPEA, 2010. p. 155-179
- NASSIF, A. **A economia indiana no período 1950-2004 - Da estagnação ao crescimento acelerado: lições para o Brasil?** Rio de Janeiro: BNDES, jan. 2006. Texto para Discussão, n. 107.
- OLIVEIRA, Ivan Thiago Machado; LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira; CHERNAVSKY, Emílio. A inserção no comércio internacional do Brasil, da Índia e da China (BIC): notas acerca do comércio exterior e política comercial in BAUMANN, Renato: **O Brasil e os demais BRICs Comércio e Política**: CEPAL; IPEA, 2010. p. 79-108
- RIBEIRO, Valéria Lopes. **A expansão chinesa na África: comércio, investimentos e fluxos financeiros**. Textos de Economia, Florianópolis, v.18, n.1, p.11-36, jan./jun.2015
- SANTOS, Leandro Bruno. **Papel do BRIC na economia mundial**. (2012). Mercator Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, Vol. 9, N. 19 (2010) 2010): mai./ago. p. 19-35
- SEBRAE: **Boletim de Comércio Exterior, Período 2012 a 2016**. http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/RN/Anexos/Boletim_rev_Anual_de_Comercio_Exterior_2016_.pdf
- SILVA, R.C.M. da.: **Os BRICS: considerações sobre os novos atores globais no século XXI**. CONSIDERATIONS ON THE NEW GLOBAL ACTORS IN XXI CENTURY. p. 22-36.
- VIEIRA, F. V. e VERÍSSIMO, M. P.: **Crescimento econômico em economias emergentes selecionadas: Brasil, Rússia, Índia e China (Bric) e África do Sul**. 2009. P. 513 -546.